

**O SOCIOLETO UTILIZADO POR MENORES INFRATORES
EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA
DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE**

Danila Ferreira Cardoso (UENF)

danila-cardoso@hotmail.com

Eliana Crispim França Luqueti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar duas pesquisas que evidenciaram alguns usos linguísticos de menores infratores em situação de cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade, uma abordagem sobre linguagem e comunicação que ocorreram no Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa-CENSE (2016) e na Unidade de Internação de Planaltina-UIP (2014) e como esse “novo” cotidiano impactou diretamente em suas vidas, amiúde, em sua maneira de falar, de se comunicar, mediante ao uso de terminologias já utilizadas comumente no centro de acolhimento. A análise dos dados se deu por meio de uma reflexão teórica e bibliografia como Fiorin (2013), Labov (2008), Bagno (1999) e do *Corpus* CENSE (2016). A questão do viés linguístico é uma barreira para os agrupamentos das comunidades de fala. Considera-se, portanto, a necessidade de divulgar informações sobre as variações linguísticas para enfrentamento do preconceito linguístico, especialmente dessa classe de jovens, que por si só, já são marginalizados. Este trabalho tem o intuito de analisar a prevalência de estudos sobre o preconceito linguístico e a variação linguística no ambiente socioeducativo.

Palavras-chave:

Medida socioeducativa. Menor infrator. Variação linguística.

ABSTRACT

This article aims to present two studies that showed some linguistic uses of juvenile offenders in a situation of compliance with a socio-educational measure of deprivation of liberty, an approach on language and communication that took place at the Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa-CENSE (2016) and at the Planaltina-UIP Inpatient Unit (2014) and how this “new” daily life had a direct impact on their lives, often on their way of speaking, communicating, through the use of terminologies already commonly used in the reception center. Data analysis took place through a theoretical reflection and bibliography such as Fiorin (2013), Labov (2008), Bagno (1999) and the *Corpus* CENSE (2016). The issue of linguistic bias is a barrier to speech community groupings. It is considered, therefore, the need to disclose information about linguistic variations to face linguistic prejudice, especially of this class of young people, who by themselves are already marginalized. This work aims to analyze the prevalence of studies on linguistic prejudice and linguistic variation in the socio-educational environment.

Keywords:

Linguistic variation. Minor offender. Socio-educational measure.

1. Introdução

Em uma percepção ampla, inicialmente podemos pensar na diversidade de línguas existentes no Brasil. Sabemos que em nosso país, existe uma grande diversidade linguística. Citamos como exemplos as comunidades indígenas no Norte do país, as comunidades de Pomeranos no Estado do Espírito Santo e tantas outras que utilizam de uma língua própria como meio de comunicação.

Aliada a essa diversidade, sabe-se que diversos fatores influenciam diretamente na fala, como: idade, sexo, grau de escolaridade, local onde estuda, local onde mora, profissão etc. Logo, imperioso se faz aceitar que as influências sociais, políticas e culturais moldam a comunidade de fala onde o indivíduo se encontra inserido.

O presente artigo tem como objetivo analisar justamente essa mudança da linguagem do falante quando o mesmo se encontra inserido junto a determinado grupo que já possui o hábito na utilização de variações linguísticas específicas, codificadas por um socioleto, tomando como post-chave as características da diversidade linguística, considerando as teorias sociolinguísticas para explicar essas variações.

O trabalho tem objetivos específicos sobre refletir acerca das conjecturas sociolinguísticas, em relação a variação e mudança linguística que ocorrem no jovem em situação de cumprimento de medida socioeducativa de restrição de liberdade. Para tanto, as pesquisas e os dados colhidos pelos artigos que desenvolveram por meio do Corpus no Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa-CENSE (2016) e na Unidade de Internação de Planaltina-UIP (2014), foram escolhidos para essa análise.

A sociolinguística toma a variação como seu objeto de pesquisa. Trabalhando com a linguagem no seu verdadeiro sentido, focando nos fatores internos e externos que implicam nos usos linguísticos e a correlação entre língua e sociedade em seus aspectos culturais e econômicos. Nasce a compreensão da importância de se estudar a variação, a fim de se respeitar toda e qualquer comunidade de fala.

Corroborando com o mesmo ideal, Labov, Weireinch e Herzog refutam a Teoria Saussuriana, pela qual afirma que a linguagem é abstrata, homogênea e autônoma. Logo, pelo estruturalismo, a linguagem só pode ser vista de uma perspectiva interna. A sociolinguística se concentra nos aspectos socioculturais, levando em consideração os fatores internos:

sintático, lexical, morfológico, sintaxe e semântica etc. e os fatores externos: escolaridade, geografia, faixas etárias, gênero e classes sociais etc.

Dessa forma a sociolinguística, se incube de analisar a língua por um panorama focado no sincronismo da variação e das variantes. O tema é de primordial relevância para o campo educacional e, mais precisamente em relação a importância da formação continuada dos educadores e professores da língua portuguesa, corroborando para a valorização da variação linguística e consequentemente difundindo o combate ao preconceito linguístico.

2. O preconceito linguístico e a variação linguística

As variedades linguísticas são recorrentes na fala do brasileiro, seja por questões culturais, pela imensa extensão territorial do país ou produto do meio social onde se encontra inserido o falante. A riqueza de diversidade brasileira nos permite identificar e analisar todos os tipos de variantes e nos faz refletir quão importante é o nosso reconhecimento e respeito à fala das pessoas, pois, afinal, o que pretendemos é nos comunicar.

A variação linguística é uma ocorrência a qual a língua percorre por mudanças, em um mesmo país a língua possui diferentes formas de pronúncia, escrita e uso. Esses rearranjos, esses diferentes falares, que intitulamos de variação linguística. Quando não ocorre o respeito das variações linguísticas há a prática do preconceito linguístico.

Faraco reforça o entendimento, afirmando que a variação linguística foi incorporada pelo discurso pedagógico.

Se, como resultado da intervenção dos linguistas, o tema da variação acabou incorporado pelo discurso pedagógico, podemos dizer que não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada a essa área. Talvez porque não tenhamos ainda, como sociedade, discutido suficientemente, no espaço público, nossa heterogênea realidade linguística, nem a violência simbólica que a atravessa. (FARACO, 2008, p. 177)

Partindo dessa premissa, no ambiente escolar, verifica-se que as variantes linguísticas regionais e sociais vão se encorpando a medida em que o falante alcança novas idades.

Crianças em tenra idade têm por hábito imitar a fala dos pais e dos falantes do ambiente onde se encontra inserida, traz consigo o fenômeno fonético chamado sotaque, bem como expressões do seu dia a dia. A forma de pronúncia das palavras será da forma em que ela ouve. Todavia, ao ser

inserida no ambiente acadêmico, à criança é apresentada a norma culta para qual poderá ser utilizada tanto a linguagem formal quanto a informal.

Na adolescência, principalmente, nota-se o uso demasiado de gírias que são usadas não apenas para comunicação em si, mas também para identificar grupos, ou seja, há gírias mais usadas por surfistas, outras por sambistas e assim sucessivamente.

As mesmas são usadas de forma a sintetizar as ideias e economizar a fala. Fato é que adolescentes estão sempre cheios de energia e ao mesmo tempo entediados, a mudança corporal atinge todas as áreas de sua vida e a maneira de falar, de se comunicar, também é afetada. Para que aconteça a mudança, é necessário um tempo de variação entre as formas.

Mas quando esse jovem se encontra afastado dos bancos escolares, em situação de privação de liberdade e em contato tão somente com outros jovens em igual situação, como fica a sua fala? A diversidade encontrada em unidades de cumprimento de medidas socioeducativas rompe a influência trazida da língua mãe e suas formas. Nesse momento o jovem se vê quase obrigado a utilizar variações linguísticas para se inserir ao meio e de alguma forma sobreviver a um ambiente tão inóspito.

Desse modo para os autores Weinreich, Labov, Herzog (2009):

Ao abandonar o idioleto individual homogêneo como modelo para a língua abre-se boas perspectivas para se propor um mecanismo de transferência mais inteligível, na medida em que ela não envolve a simples troca de uma forma por outra, mas a coexistência sob alternância, numa mesma comunidade linguística e um mesmo falante, das formas originais e inovadoras e o desfavorecimento gradual da primeira em prol da segunda por motivações sociais. (WEIRWICH; LABOV; HERZOG, 2009, p. 27)

Nessa linha, cada qual carrega consigo um universo de experiências que podem e devem ser esmiuçadas a fim de que se entenda toda a complexidade que é se comunicar. Aliado a isso, devemos nos atentar que ao se observar o comportamento juvenil, estes tendem a ser mais persuadidos nessa fase da vida e a influência musical, política e social se sobressaem.

Considerando que a língua é um sistema complexo, dinâmico e adaptativo, Fiorin (2013) assim esclarece sobre comunicação oral:

A mudança linguística é constante e perene. Não há instâncias de uso de língua em que mudanças não se verifiquem. A comunicação não é uma troca de mensagens empacotadas pelo falante num momento e desempacotada por seu interlocutor num momento subsequente. A comunicação tem uma natureza situada e construída (McCleary, 1996:

201). A cada ato de fala, o falante busca adequar seu idioleto à situação em que se encontra, aproximando-o do idioleto de seu interlocutor (que, por seu lado, também adequará o seu idioleto ao seu interlocutor), em um processo de construção de comunicação, que se dá conjuntamente, pela ação coordenada dos membros nela envolvidos, era uma determinada situação particular. (FIORIN, 2013, p. 38)

A sociolinguística ao buscar entender a correlação entre língua e sociedade, provoca à análise do contexto sociocultural, devendo a sociedade em suas diversas vertentes, ter a sensibilidade de entender que a língua possuiu variações e não tem nada demais nisso.

A norma culta deve permanecer sendo estudada e cobrada, mas os contextos sociais devem ser analisados a fim de enaltecer a língua de forma que sua finalidade seja cumprida, ou seja, o ato de se comunicar.

É na seara jurídica, mais especificamente, nos centros de recuperação de jovens socioeducandos em situação de privação de liberdade que a dicotomia das experiências vivenciadas por esses jovens e as autoridades/agentes da lei se revelam.

Muitos desses jovens vêm de periferias, áreas segregadas, com baixa ou nenhuma política pública que envolvam os direitos sociais básicos como educação e saúde. Sabe-se que muitos se enveredaram para o mundo do crime como rota de fuga de sua realidade e acabam cada vez mais cedo evadindo-se das escolas, o que acrescida ao momento por eles atravessado, desencadeia uma linguagem própria, notadamente uma dificuldade na comunicação escrita, bem como o excessivo uso de gírias na comunicação oral.

O grupo de monitoramento e fiscalização do Sistema carcerário assim nos esclarece:

Na Justiça Juvenil não são aplicadas as penas de detenção ou reclusão, mas sim medidas socioeducativas para crianças e adolescentes com idades entre 12 a 18 anos, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente. De acordo com Estatuto, considera-se criança a pessoa com 12 anos incompletos e adolescente a pessoa entre 12 anos completo e 18 anos incompletos. Após constatado o ato infracional, são aplicadas as medidas de proteção às crianças e medidas socioeducativas aos adolescentes. A ocorrência de ato infracional, que é a conduta descrita como crime ou contravenção, enseja a aplicação prioritária da aludida legislação especial atribuindo-se a competência ao Juízo da infância e juventude. Ao ficar comprovado, após processo judicial, a prática de ato infracional, as medidas socioeducativas são aplicadas conforme dispõe o ECA. As medidas socioeducativas têm como objetivo reintegrar socialmente o adolescente e evitar a reincidência do ato praticado.

Os jovens ao cumprir medida de internação se deparam com uma realidade completamente diferente da que imaginam. Um dos pontos mais evidenciados em diversos estudos é a necessidade de se fazer incluir ao grupo já existente e ao mesmo tempo utilizar o mesmo socioleto, a fim de se mostrar forte ao grupo.

Como podemos extrair do trecho acima, o legislador educacional se atentou em ser claro que a medida socioeducativa tem o precípuo fim ressocializador. Logo, a linguagem independentemente do meio a qual for utilizada, tem por finalidade compartilhar experiências, relacionar e aproximar os interlocutores. Obviamente em sessões solenes, como audiências, exige-se decoro ao recinto, mesmo assim o socioleto utilizado pelos menores não pode sofrer qualquer tipo de preconceito linguístico.

Nesse contexto, salienta Bagno (1999) acerca do preconceito linguístico.

O preconceito linguístico está ligado, embora medida à confusão que foi criada, no curso de história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo. Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma Culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto de do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia gerada pelo preconceito linguístico. (BAGNO, 1999, p. 9-10)

Portanto, vale ressaltar que a sociolinguística engloba a diversidade de saberes para explicar os fatores que contribuem para a variação linguística, identificando e avaliando os fatores internos e externos que contribuem para essa variação, bem como propaga a desconsideração de qualquer tipo de preconceito cultural.

3. Variáveis e variantes

Mas o que de fato são variáveis e variantes linguísticas? Para Roberto Gomes Camacho, “o termo variável representa o esforço do sociolinguista por generalizações abstratas. Trata-se de uma classe de variantes que constituem estas sim, duas ou mais formas concretas de uso. As variantes, ordenadas ao longo de uma dimensão contínua, são determinadas

por uma ou mais variáveis independentes, de natureza linguística ou extralinguística.”

A variação linguística é um fenômeno universal e pressupõe a existência de variação linguística e de formas de linguagem alternativas chamadas variantes, existem várias alternativas para o fenômeno da variabilidade de configuração chamada de variável dependente. Assim, a concordância entre verbo e sujeito, é uma variável de linguagem, por exemplo, porque é implementada através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: sinais consistentes em verbos ou na ausência de um marcador de protocolo. Do campo da ciência da linguagem e da sociolinguística, a competição entre duas variantes reflete a variação, enquanto a competição entre duas variantes ambos refletem nas mudanças que estão ocorrendo.

Nessa esteira define Tarallo (1986):

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas”, são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística. (TARALLO, 1986, p. 8)

A professora Stella Maris Bortoni-Ricardo em sua obra *Manual de Sociolinguística* muito claramente nos esclarece e contribui ao entendimento quando assim se manifesta:

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em variações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham em conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. (BORTONI-RICARDO, P. 32)

Logo, podemos compreender como variáveis, a variação geográfica, o sotaque empregado em determinada região e variantes, as variações de ordem externa, quando a língua se altera de acordo com o tempo, o lugar e a sociedade.

5. O Socioleto empregado por jovens em privação de liberdade

Como todos sabem, qualquer linguagem existente, tende com o passar do tempo, ir se adequando com o surgimento de novas formas de comunicação.

Nessa esteira, na obra *Linguística? O que é isso?* Fiorin assim se posiciona:

O pensamento laboviano aqui epigrafado deixa entrever outra concepção de língua: não biológica, mas social. Tudo o que podemos chamar de “ferramentas linguísticas” (palavras, frases, etc.) é empregado com funções que, em sentido amplo, podem ser socialmente definidas: a mais geral delas é a de comunicação. Em outras palavras, pode-se dizer que os usos de tais ferramentas se explicam não só em termos linguísticos, mas também em termos sociais. (FIORIN, 2013, p. 67)

O preconceito linguístico infelizmente ainda é muito presente em nossa sociedade e quando se trata de jovens com déficit cognitivo, utilizando de variações linguísticas, isso se revela implacavelmente.

Uma das maiores contribuições da sociolinguística é exatamente nos fazer reconhecer que as pessoas sempre modificam a maneira de falar diante do ambiente e da situação vivenciada, somos seres adaptáveis as condições impostas e pela necessidade de convivência, nos moldamos aos demais falantes, a fim de sermos aceitos, incluídos.

Corroborando à professora Bortoni-Ricardo, a pesquisadora Priscila Leite Oliveira ao desenvolver um projeto junto aos adolescentes em conflito com a lei em situação de privação de liberdade relata: “Eles se sentem compreendidos quando quem fala deles, é um deles ou vive na mesma realidade. Sobre a visão da sociedade, eles se mostraram indiferentes ou com sentimento de revidação. A sociedade que de certa forma, os colocou naquele lugar, os exclui por questões financeiras, linguísticas, profissionais e eles excluem a sociedade com a linguagem que usam. Até mesmo justificam seus crimes, dizendo se tratar de uma “vingança social”. É a análise social da linguagem, que aborda todo o sentido inserido em uma fala, uma notícia, uma representação que seja. É uma teoria crítica, que se ocupa em identificar e conceituar questões do discurso” (OLIVEIRA, 2014).

Através do Corpus desenvolvido com internos do CENSE, em Ponta Grossa-PR, pelos pesquisadores Oliveira, Cruz e Franzó (2016) identificaram o seguinte:

Em se tratando, especificamente, do trabalho desenvolvido no CENSE, é

possível verificar o significado, na prática, da variação linguística que é própria de determinada comunidade, que, no caso aqui, é a que compõe o ambiente recluso dos internos – ainda que alguns já tenham trazido da sua vida fora da Instituição, conhecimento de várias gírias que foram registradas nas oficinas. A partir das oficinas, observou-se que, a variação linguística, além de ser um processo natural da língua, é um fator social, marcando a identidade e característica de determinados grupos. Desse modo, considera-se que, o uso de gírias no CENSE funciona como um mecanismo de expressividade, e que elas – as gírias, assumem um papel de distinção e pertencimento, quando isola, ou reconhece um indivíduo de acordo com o conhecimento que ele tenha da linguagem utilizada naquele momento. (OLIVEIRA; CRUZ; FRANZÓ, 2016)

O desembargador fluminense Dr. Siro Darlan, coordenador da Coordenadoria Judiciária de Articulação das Varas da Infância e da Juventude e Idoso (Cevij), em entrevista concedida ao site do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro assim se manifestou:

Eu atribuo isso ao preconceito contra esses jovens, que têm, como todos têm, o direito de ter uma oportunidade, de se recuperar e de serem considerados aptos a conviver na sociedade. Esse preconceito é que afasta esses adolescentes e que aumenta a violência. A sociedade tem uma ânsia pela punição, quando, na verdade, a gente precisa reavaliar as condições de convivência entre as pessoas. Quem faz e exacerba o medo é uma parcela da mídia, que tem que mostrar o outro lado desses jovens. É preciso conhecer esses adolescentes, que são iguais aos nossos filhos. A diferença é que eles estão do lado de lá e os nossos, do lado de cá. Mas a sociedade se afasta deles, exclui, quer vê-los longe. E aí se cria o medo. Tenho um objetivo ainda nesta gestão do presidente do TJRJ de abrir as portas dessas unidades para que as pessoas visitem e constatem, primeiro, as péssimas condições que o Estado oferece a esses adolescentes. A sociedade precisa conhecer isso e compreender que esses jovens com um mínimo de estímulo positivo vão fazer mais bem a sociedade do que o mal. Eu espero poder levar o maior número de formadores de opiniões, de jornalistas para conhecerem aquela realidade.

Ratifica o professor Leland Emerson McCleary (USP):

Em muitos lugares do mundo, dentro da mesma língua, há variedades próprias de etnias diferentes. Essas variedades recebem o nome de etnoletos. Um caso muito claro disso é o inglês vernáculo afro-americano falado nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, pode-se saber, em muitos casos, se o interlocutor no telefone é afro-americano ou não, só pela fala. É comum, também, encontrar variedades associadas com determinadas classes sociais, principalmente nos grandes centros urbanos. Essas variedades recebem o nome de socioletos. Vimos, então, que a pessoa pode carregar marcas da sua origem, do sexo, da sua idade, da sua etnia e do seu nível social – só pelo seu jeito de falar.

O socioleto, variação linguística que se utiliza de frases ou palavras específicas por determinado grupo que se distingue dos demais falantes, é algo que surge de maneira natural e vai se enraizando cotidianamente.

Através do Corpus desenvolvido a partir de oficinas de português com os adolescentes internos da Unidade de Internação de Planaltina-UIP (2014), a utilização das letras de rap por eles cantaroladas evidenciou a reprodução de terminologias que foram empregadas no dia a dia:

Para chegar às análises, o primeiro desafio foi a tradução de alguns termos e expressões falados no ambiente da internação e na letra da música. Como por exemplo a palavra “bagulho” que pode significar uma infinidade de coisas, mas que no contexto se referia ao momento vivido por um dos meninos [...] os adolescentes utilizam gírias, palavrões e a despreocupação com o padrão são frequentes e predominam na linguagem oral. (OLIVEIRA, 2014)

Antes da sociolinguística a escrita era cópia fiel da fala, mas a fala antecede a escrita. A língua escrita nada mais é que a representação gráfica da ortografia. Ora, então não há que se ter essa valorização da língua escrita e o preconceito com os diversos modos de falares, uma vez que a língua é meio do contexto social.

O preconceito acerca da fala característica de jovens sempre existiu, mas quando se trata de jovem em conflito com a lei, essa cobrança pelo uso das palavras ditas como corretas se revelam mais acentuadas.

5. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo com métodos qualitativos e revisão bibliográfica que Gil (1999) classifica como técnicas de pesquisa que permitem aos pesquisadores um conhecimento mais determinado, fornecendo informações claras sobre o problema, considerando artigos científicos, dissertações e monografias disponíveis na base de dados. Os dados foram levantados por meio de trabalhos científicos indexados em bancos do Google acadêmico que foram coletados em português. Uma análise cuidadosa dos dados foi realizada para apresentar a forma de descrição dos resultados obtidos por meio dos Corpus desenvolvidos no Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa-CENSE (2016) e na Unidade de Internação de Planaltina-UIP (2014) que se desdobraram em artigos científicos.

Por meio de fontes de pesquisa secundárias partimos da premissa que todo estudo deve ser embasado em obras clássicas e contemporâneas,

a fim de se criar um paradoxo temporal, cruzando as ideias e conceitos, com o precípua fim de levar o leitor a construir sua própria análise crítica.

6. Conclusão

Trata-se de um estudo descritivo com métodos qualitativos e revisão bibliográfica que Gil (1999) classifica como técnicas de pesquisa que permitem aos pesquisadores um conhecimento mais determinado, fornecendo informações claras sobre o problema, considerando artigos científicos, dissertações e monografias disponíveis na base de dados. Os dados foram levantados por meio de trabalhos científicos indexados em bancos do Google acadêmico que foram coletados em português. Uma análise cuidadosa dos dados foi realizada para apresentar a forma de descrição dos resultados obtidos por meio dos Corpus desenvolvidos no Centro de Sociopeducação Regional de Ponta Grossa-CENSE (2016) e na Unidade de Internação de Planaltina-UIP (2014) que se desdobraram em artigos científicos.

Por meio de fontes de pesquisa secundárias partimos da premissa que todo estudo deve ser embasado em obras clássicas e contemporâneas, a fim de se criar um paradoxo temporal, cruzando as ideias e conceitos, com o precípua fim de levar o leitor a construir sua própria análise crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. 1. edição. São Paulo: Contexto, 2014.

CAMACHO, Roberto Gomes. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

DARLAN, Siro. O preconceito contra adolescentes infratores é que aumenta a violência. Disponível em: <https://tj-rj.jusbrasil.com.br/noticias/182507159/siro-darlan-o-preconceito-contra-adolescentes-infratores-e-que-aumenta-a-violencia>

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2013.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 389p.

_____; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno; Revisão Técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2009. 151p.

OLIVEIRA, de Demerson. CRUZ, Rayan Kelly da. *As gírias dentro do “X” – Uma abordagem sobre linguagem e comunicação dos menores infratores do CENSE*. Disponível em: https://unisecal.edu.br/wp-content/uploads/2019/05/As_girias_dentro_do_X.pdf. Acesso em: 6 de julho de 2022.

OLIVEIRA, Priscila Leite de. A identidade no discurso de menores infratores e na letra de Rap. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8918/1/2014_PriscilaLeitedeOliveira.pdf. Acesso em: 06 de julho de 2022.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa socio-linguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.